

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-277-7

DOI 10.22533/at.ed.777192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

O livro faz parte da publicação em três volumes na qual reúne trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades de diversas regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados. Por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil.

Meu primeiro desafio é em relação à escolha do discurso que irei adotar para tratar sobre o tema deste livro, já que a comunicação não pode ficar dúbia, tampouco simplória ou demasiadamente complexa, independentemente de quem venha a ser o interlocutor, seja filósofo, educador, mestre ou aluno.

Neste processo que aqui início, permito-me devanear sobre a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós na área das ciências humanas?

Contudo, como reconheceu Foucault, o começo de qualquer discurso é angustiante. Ele, que tratou o tema com seriedade e rigor, confessou o peso do início do discurso em sua aula inaugural no Collège de France, e em sua fragilidade humana, confessou: “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível” (p. 5).

Escrever é como falar: uma captação de palavras, a busca, com a obstinação de um arqueólogo, pelas mais apropriadas para dar forma ao pensamento. Percebo que a língua é uma matéria-prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor ao confronto com a própria solidão, o embate com lacunas de algo que poderia estar ali e que, por isso mesmo, pode levar à confusão.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento. Quase sempre nos referimos à construção de saberes sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos, essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever, e por consequência, cada vez mais nos mantemos em solidão. E assim corremos o risco de nos afastarmos do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas e em nossas casas e classes, tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns podem apontar que a fala de alguém não escolarizado compartilha e participa de uma produção carente, grosseira, desdenhativa, de senso comum. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários das pessoas para entender a vida, é uma configuração legítima e qualificada de conhecimento. Todavia, alguém poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas, e estamos aqui falando de sistemas de verdades produzidos pelas ciências humanas, não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades”. Nesse “esclarecimento”, torna-se explícita a notória divisão entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento das experiências de vida dos personagens que pretendemos pesquisar se evidencia diante das fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo e a ameaça de sofrermos agressões desse mundo que nos parece exterior nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial, e assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

Parece que estamos sempre no limite com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto concluído, nas diversas formas de registro, para recomeçarmos o mesmo ciclo logo em seguida. Estamos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida. Se isto por si só não fosse suficiente, acabamos nos tornando “pessoas-produtos” por conta da constante avaliação em relação ao que produzimos. O próprio jogo institucional nos classifica como pesquisadores melhores ou piores, medianos ou brilhantes, e nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a nos enxergar sob a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos, assim, vaidosamente uns dos outros, como se estivéssemos ofuscados por um enclausuramento defensivo.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e analisamos sua natureza em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas, codificadas em livros e artigos que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos nos manter intactos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, neste período histórico, isso a que chamamos de *estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, uma escola

inclusiva, oposta àquela em que nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissíveis entre si.

Uma questão que me desanima é a seguinte: afinal, o que estamos fazendo com o cuidado de si a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998), “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (p.13).

O retorno transformador do conhecimento para aquele que o detém deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar separado do processo de produção do conhecimento enquanto tal, conforme pondera Foucault:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? [...] O “ensaio” [...] é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1998, p. 13).

Foucault nos convida a filosofar como um exercício de (re)escrita de si, por meio de

práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1998).

A importância das ciências humanas para a produção de conhecimento, no entanto, não se resume somente à área da educação, mas abrange a nós como um todo, já que habitamos os espaços nos quais, institucionalmente, conferimos materialidade às faculdades de educação. Todavia, coloquei-me como membro desta e escrevo como parte dela. Portanto, faço parte do jogo que pretendi desnudar.

E ainda perseguindo a ideia de que nossa produção por vezes se torna uma compulsão, que não nos permite ter tempo para nos deleitarmos com o que produzimos, tento pensar como sair efetivamente desse impasse.

Em certas circunstâncias, creio que nos iludimos ao pensar que, quanto mais aprendemos, mais teoricamente afinados ficamos e mais temos a ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que de fato ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, é um desejo semelhante ao movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora, mas que pode ser praticada no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno, em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E que talvez não seja possível estabelecer como e de que maneira o atende.

O que sabemos é o ponto de partida da nossa oferta, e não a satisfação da demanda daquele que busca conhecimento.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações de época em época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas maneiras particulares de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que é válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo determinado pela situação.

Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação, inicialmente abordaremos o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin, de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica para acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLIFARMÁCIA NO IDOSO: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DAS IATROGENIAS	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.7771924041	
CAPÍTULO 2	8
PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO TEÓRICA NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	
Chancarlyne Vivian Letícia de Lima Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.7771924042	
CAPÍTULO 3	19
RELAÇÃO ENTRE A ESCOLARIDADE E A COGNIÇÃO EM PESSOAS IDOSAS DO DEPARTAMENTO DO IDOSO DA FUNDAÇÃO PROAMOR DE PONTA GROSSA-PR, BRASIL	
Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes Gislaine Cristina Vagetti Aline Bichels Luana Suemi Fujita Cinthia Fernanda da Fonseca Silva Valdomiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7771924043	
CAPÍTULO 4	32
RELATO COM A PRÁTICA DE ENSINO ATRAVÉS DO ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Edison Vieira Gonçalves Junior Diego Paschoal de Senna	
DOI 10.22533/at.ed.7771924044	
CAPÍTULO 5	41
RESILIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS: PERCURSOS	
Sheila Marta Carregosa Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.7771924045	
CAPÍTULO 6	51
SOBRE O SUICÍDIO: AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE KARL MARX	
Érika de Freitas Arvelos, Tayná Bonfim Mazzei Mazza	
DOI 10.22533/at.ed.7771924046	

CAPÍTULO 7	65
TAMBORIL: LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO, PARÂMETROS AMBIENTAIS E PRIMEIROS DADOS ARQUEOMÉTRICOS	
Sônia Maria Campelo Magalhães Ennyo Lurrik Sousa da Silva Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva Luis Carlos Duarte Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.7771924047	
CAPÍTULO 8	81
TRABALHO E DEVOÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO MARIA EM COCHINHOS, IRATI-PR, DÉCADA DE 1960	
Victor Huggo Lopes do Amaral Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7771924048	
CAPÍTULO 9	95
TRABALHO E ESCOLA: RELAÇÕES QUE PERMEIAM A ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO	
Andreia Tavares Angela Maria Corso	
DOI 10.22533/at.ed.7771924049	
CAPÍTULO 10	109
TRABALHO, APOSENTADORIA E LAZER COMO HABITUS SEGUNDO IDOSOS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO BANESTADO EM PONTAL DO PARANÁ-PR	
Carla Roseane de Sales Camargo Rita de Cássia da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.77719240410	
CAPÍTULO 11	120
TRANSPORTE COLETIVO: LUGAR DE DESEJOS E CONTRADIÇÕES NA CAPITAL PIAUIENSE (DÉCADA DE 1970)	
Cláudia Cristina Da Silva Fontineles Allan Ricelli Rodrigues De Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240411	
CAPÍTULO 12	134
UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS-RS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	
Letícia Campagnolo Cavalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240412	
CAPÍTULO 13	139
UMA ANÁLISE DO OLHAR DOS ALUNOS ACERCA DO USO DE DOCUMENTÁRIOS DO CANAL HISTORY CHANNEL EM AULAS DE HISTÓRIA	
Maria Paula Costa Tainá Raue dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77719240413	

CAPÍTULO 14	143
UNIVERSIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: NOTAS SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO COM JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DAS PERIFERIAS DE GOIÂNIA, LISBOA E MADRID	
Rosane Castilho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240414	
CAPÍTULO 15	154
VERDADE, VEROSSIMILHANÇA E PROGRESSO CIENTÍFICO EM POPPER	
Sebastião Maia de Andrade	
Aristides Moreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240415	
CAPÍTULO 16	163
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. MALLETT/PR, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Valdinéia Strugala	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77719240416	
CAPÍTULO 17	174
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL E INCLUSÃO ESCOLAR NA UNIVERSIDADE	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240417	
CAPÍTULO 18	185
FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003	
Danilo Rodrigues do Nascimento	
Flávia Rodrigues Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77719240418	
CAPÍTULO 19	194
INFLUÊNCIA DA IDADE NA MEMÓRIA E COGNIÇÃO DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIO FÍSICO SUPERVISIONADO	
Bianca Yumie Eto	
Giovana Gomes dos Santos	
Maria Carolina Rodrigues Salini	
Regina Celi Trindade Camargo	
Claudia Regina Sgobbi de Faria	
Franciele Marques Vanderlei	
Laís Manata Vanzella	
DOI 10.22533/at.ed.77719240419	
CAPÍTULO 20	205
NORMALIDADE E DIFERENÇA: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Akeslayne Maria de Camargo	
Iris Clemente de Oliveira Bellato	
Louise Gomes de Pinho	
Emília Carvalho Leitão Biato	
Barbara E. B. Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.77719240420	
SOBRE A ORGANIZADORA	219

RELATO COM A PRÁTICA DE ENSINO ATRAVÉS DO ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Edison Vieira Gonçalves Junior

Universidade Estadual do Centro-Oeste -
UNICENTRO

Guarapuava – Paraná

Diego Paschoal de Senna

Universidade Estadual do Centro-Oeste –
UNICENTRO

Guarapuava – Paraná

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada durante o estágio supervisionado I do curso de licenciatura plena em Geografia, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Chagas EFM, no município de Guarapuava - PR, ocorrido no período de julho a agosto de 2017. Com a proposta de evidenciar algumas metodologias aplicadas durante o estágio, fazendo o uso de ferramentas simples, que vão desde a aula expositivas até a elaboração de trabalhos de pesquisas e apresentações em grupos, todos relacionados ao tema proposto, promovendo a aprendizagem, e não só a mera memorização dos assuntos. Objetivando despertar o senso crítico no aluno, através de debates e do diálogo aberto, estimulando o aluno a não limitar-se em entender, mas também a construir seus próprios conceitos. Possibilitando assim a aplicação de uma geografia que não fica restrita apenas a

sala de aula, mostrando a importância que a mesma tem na vida do aluno, ensinando e transformando informações em conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado, prática de ensino na geografia, ensino fundamental.

ABSTRACT: The objective of the present work is to report the experience during the supervised internship I of the full degree course in Geography, held at the State School of Elementary and Secondary Education Padre Chagas EFM, in the municipality of Guarapuava - PR, in the period of July to August 2017. With the proposal to highlight some methodologies applied during the internship, using simple tools, ranging from the lectures to the preparation of research papers and presentations in groups, all related to the proposed theme, promoting the learning, not just mere memorization of subjects. Aiming to awaken the critical sense in the student, through debates and open dialogue, stimulating the student not to limit himself in understanding, but also to construct his own concepts. This makes it possible to apply a geography that is not only restricted to the classroom, showing the importance it has in the life of the student, teaching and transforming information into knowledge.

KEYWORDS: Supervised internship, teaching practice in geography, elementary school.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as atividades realizadas pelos estagiários durante o Estágio Supervisionado I, ocorrido no Colégio Estadual Padre Chagas localizado na Rua Dom Bosco, nº 90 no bairro Bonsucesso em Guarapuava/PR. Sendo que o referido estágio foi constituído de um total de 12 horas/aulas, no período de 27/07 a 25/08, nas quintas e sextas. A turma trabalhada era de 7º ano, com alunos de boa cognição e facilidade para entender o conteúdo repassado. A sala era composta por 26 alunos e dentre eles três apresentavam necessidades especiais. Porém não encontramos nenhuma forma de dificuldade na execução do estágio, de certa forma isso motivou e inspirou uma melhor aplicabilidade do estágio em sala de aula. Uma das crianças contava com o auxílio de um educador especial para o atendimento e auxílio nas atividades propostas pelos professores.

O estágio constitui-se de uma etapa muito importante no processo de formação dos professores sendo para muitos o primeiro contato com a sala de aula não estando na condição de aluno e tendo que assumir a função de professor. Por isso, é esperado pelos estudantes dos cursos de licenciatura com muita expectativa. Apesar de num primeiro momento as representações sobre a escola, principalmente o ensino público, possa parecer que se trata de um lugar com inúmeros problemas, entre eles relacionados aos livros didáticos; à formação dos professores; às condições de salário e trabalho, é necessário perceber que a escola é parte da sociedade, integrante da lógica e da dinâmica social e ao professor é preciso compreender e assumir o compromisso direto com esse espaço e que é nele que se deve investir esforços para transformação.

O estágio é um componente do currículo, com a especificidade de aliar a teoria e a prática para a atuação docente. Propiciando ao acadêmico sua inserção nas instituições escolares, para o conhecimento de como o processo de ensino se dá. Na licenciatura, os estágios são vinculados ao componente curricular prática de ensino cujo o objetivo é o de preparo do licenciado para o exercício da magistratura em determinada área de ensino ou disciplina. A prática de ensino/estágio supervisionado aproxima o aluno da realidade da sala de aula e da escola como um todo. A prática de pesquisa e elaboração do relato do estágio supervisionado, além claro, da vivência escolar por parte dos estagiários, dá a capacidade de formação de um professor lucido da necessidade que a prática de ensino envolva, comportamentos de observação, reflexão crítica e melhor estruturação das futuras ações.

2 | REVISÃO DE LITERATURA

A formação docente vem sendo amplamente debatida nas instituições de ensino, vendo que a formação inicial e continuada do educador é um fator extremamente essencial para o processo ensino aprendizagem. É óbvio que com a existência de profissionais, mais qualificados, competentes, compromissados e valorizados, quem irá

se beneficiar é a sociedade em geral, possuindo cidadãos criativos, críticos e atuantes, nessa sociedade cada vez mais exigente, competitiva, concorrida e excludente.

No Brasil e no mundo a política educacional, segundo as normativas, encaminha a questão da formação do professor e de sua prática com base na concepção de profissional reflexivo, de formação contínua, de formação na escola, de valorização dos saberes práticos (CANDAUI, 1989). No ensino de Geografia, os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico. São resultados da cultura geográfica elaborada cientificamente pela humanidade e considerada relevante para a formação do aluno. Propostas mais recentes desse ensino são pautadas na necessidade de trabalhar com os conteúdos escolares sistematizados de forma crítica, criativa, questionadora, buscando favorecer sua interação e seu confronto com outros saberes. Para isso, cabe ao professor não só selecionar e organizar criteriosamente os temas a serem trabalhados, mas também expor aos alunos, com clareza, a relevância desses temas (CAVALCANTI, 2008).

Mesmo na prática do estágio, muitas vezes pelas inúmeras dificuldades que se encontram no âmbito escolar, alguns estagiários a exemplo dos próprios professores, se fecham em uma atitude conservadora, optando por manter os padrões pedagógicos tradicionais, métodos repetitivos e cada vez mais em desuso. A escola tradicional que sofreu inúmeras transformações ao longo de sua existência e que, paradoxalmente, continua resistindo ao tempo, dia-a-dia, vem sendo questionada sobre sua adequação aos padrões de ensino exigidos pela atualidade, mas ao mesmo tempo é retentora da grande maioria das escolas do nosso país. (MACIEL LEÃO, 1999)

Tudo o que rodeia a educação institucionalizada é fruto de nossa própria história de sociedade em suas mais variadas ramificações (política, econômica, etc.). As concepções sobre a educação também fazem parte dos caminhos tomados pela humanidade em sua incansável procura de cultura e conhecimento. Interessante é perceber que a escola tradicional continua em evidência até hoje. Paradoxo? É possível, mas é necessário reconhecer que o caráter tradicional atual da escola passou por muitas modificações ao longo de sua história. Com o início de uma política estritamente educacional foi possível a implantação de redes públicas de ensino na Europa e América do Norte (PATTO, 1990). A organização desses sistemas de ensino inspirou-se na emergente sociedade burguesa, a qual apregoava a educação como um direito de todos e dever do Estado. Assim, a educação escolar teria a função de auxiliar a construção e consolidação de uma sociedade democrática: a organização dessa escola do século passado seguia os passos determinados por essa teoria pedagógica que permanece atual em seus pontos principais: Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas em forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente. (SAVIANI, 1991)

O ideal seria pautar sua participação visando promover a aprendizagem

significativa dos conteúdos, envolvendo os alunos e articulando um projeto social amplo e integrador, visando a inserção total de todos, independentemente das diferenças sociais presentes na sala de aula (FREIRE, 1980).

Sendo assim o papel do professor é servir como ferramenta de orientação para a formação enquanto como cidadão e profissional de cada indivíduo. Não ficando atrelado somente a recursos técnicos, como muitas vezes se vê pelas escolas. Tal projeto apresenta-se complexo, e requer orientações teóricas seguras, conhecimento da realidade e dos processos da escola e convicções sobre modos de atuação nessa instituição (COLL, 1992).

Outro aspecto a considerar é a necessidade de reconhecer as vinculações da espacialidade das crianças, de sua cultura, com o currículo escolar, com os conteúdos das disciplinas, com os conteúdos da Geografia, com o cotidiano da sala de aula e de todo o espaço escolar. Alguns projetos inovam porque partem do pressuposto de que não basta manter as crianças e os jovens dentro dos muros da escola, é necessário que ali eles possam vivenciar seu processo de identificação, individual e em grupos, e que sejam respeitados nesse processo (CAVALCANTI, 2010).

De acordo com Franco (1991), por muito tempo se pensou que saber de cor era o mesmo que conhecer algo. No entanto, sabemos que o fato de decorar não significa que se tenha compreendido o que tentamos aprender. A verdadeira aprendizagem é a que consegue gerar conhecimento e desenvolvimento. Dessa forma a relação que se estabelece entre professor e alunos quando o primeiro expõe e os segundos anotam e decoram, não propicia a aprendizagem, ao contrário, dificulta ou impossibilita que ela ocorra.

No curso de Geografia, na modalidade licenciatura, o Estágio Supervisionado constitui-se de um componente curricular obrigatório. A geografia em seu processo e desenvolvimento histórico como área do conhecimento, veio consolidando teoricamente sua posição como uma ciência que busca conhecer e explicar as múltiplas interações entre a sociedade e a natureza. A mesma possui um conjunto diverso de interfaces com outras áreas do conhecimento científico, com isso coloca-se a necessidade de levar os alunos a compreender essa realidade espacial, natural e social, não de uma forma fragmentada, sem vínculos, mas como uma totalidade dinâmica (PIMENTA e LIMA, 2009).

Desta maneira os estágios aplicados a geografia são imprescindíveis para adequar o futuro docente a concepção teórica a ser trabalhada em sala de aula. Prática que habilita o corpo discente para o setor produtivo, preparando-o para a atuação enquanto educador nas escolas. Além disso, propiciando a inserção do futuro professor no espaço profissional para o exercício posterior da docência de forma eficiente, capacitando-o para aproximar os seus futuros alunos ao mundo moderno e dinâmico que temos hoje.

3 | METODOLOGIA

Durante o decorrer das aulas ministradas no Estágio Supervisionado, foi estabelecido como metodologia a ser aplicada a de despertar nos alunos o senso crítico, para isso buscamos debater e discutir com a sala em geral, de forma a instigar a participação, dando sempre espaço para que os alunos formassem suas próprias ideias e debatessem com os demais.

A metodologia usada foi a mais objetiva, coerente e exequível possível, visando o cumprimento dos objetivos, contidos nos planos de aula. Trabalhando a cima de tudo a otimização do processo ensino-aprendizagem. Buscou-se trabalhar da forma mais didática junto aos alunos, agindo assim como um facilitador, e não um transmissor de informações, o foco não foi passar só informações e sim criticar, refletir, pois é assim que se dá o conhecimento.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os assuntos que foram trabalhados, estavam previamente escolhidos e compreendiam o capítulo “O urbano, o rural e economia brasileira” do livro didático utilizado pela turma, estando atrelados a assuntos como as atividades industriais executadas no Brasil, a agropecuária, reforma agrária, extrativismo, modais de transportes, entre outros.

Na primeira aula, para que pudesse se estabelecer uma melhor relação com os alunos, foram feitas as apresentações e foi explicado porquê da nossa participação em sala, deixando todos os alunos cientes do que se tratava e como seriam os próximos dias de trabalhos. Também na primeira aula, foi realizada a introdução acerca do assuntos que seriam trabalhados, fazendo junto aos alunos através dos mais variados exemplos, uma caracterização do espaço rural e urbano brasileiro. Passando por um breve histórico de formação sociocultural da nossa sociedade, além de situá-los em relação a alguns conceitos importantes como o de espaço geográfico, por exemplo. O objetivo era identificar e interpretar as diferentes relações entre o urbano e o rural, para compreender a interdependência desses meios na produção social. A aula foi ministrada pelo conjunto dos três estagiários através de forma explicativa e indagativa com a utilização do quadro didático e recursos audiovisuais.

As próximas duas aulas, foram utilizadas para que fossem discutidos junto aos alunos, uma caracterização do espaço rural e como este espaço contribuiu na formação do Brasil e continua contribuindo. Foram discutidos os ciclos econômicos no processo de formação do espaço rural brasileiro e como cada etapa desse processo colaborou na gênese da sociedade brasileira. Foi dada uma atenção especial para o período pós Segunda Guerra Mundial, no qual ocorreu uma revolução no campo e propriamente na agricultura do mundo e especificamente do Brasil com o processo conhecido como “modernização do campo”, que veio a aumentar consideravelmente

na região Sul e Sudeste na década de 1960, sendo expandido para o resto do país com maior extensão e intensidade a partir já na década de 1970. Com isso, procurou elucidar aos alunos sobre o espaço agrário do Brasil, e as significativas mudanças que este vem passando ao longo dos anos.

A aula em sequência foi utilizada para mostrar e buscar entender as desigualdades presentes na constituição do território brasileiro, atentando-se aos acontecimentos históricos que deram origem ao espaço que é atualmente marcado pelas contradições. Buscando entender também os conceitos e a hierarquia na proporção territorial e sucessivamente apresentar dados que comprovem estas desigualdades, através do IBGE e IPARDS por exemplo. A aula foi ministrada pelo estagiário Diego Paschoal, e baseou-se através da utilização do quadro de giz e livro didático, além de dados previamente pesquisados.

A partir das discussões feitas nas primeiras três aulas, a quarta aula teve como assunto principal a Reforma Agrária, que segundo pesquisas pode ser definida como a reorganização da estrutura fundiária com o objetivo de promover a distribuição mais justa das terras. Seria um conjunto de medidas e mudanças que representa a criação de um novo modelo agrícola que garanta o desenvolvimento econômico, político e cultural para a população do campo e beneficie a população como um todo. Foi ressaltado que a luta pela posse de terra e conflitos, são algo existentes desde a própria colonização do Brasil. Como o assunto estava voltado para a reforma agrária, foi enfatizado o órgão do governo federal que trabalha com a questão agrária no Brasil, o INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Após os debates, a ideia era de que os alunos tivessem a oportunidade de ver os dois lados, um relacionado a bela história de conquista e luta promovida pelos movimentos sociais, principalmente o MST, a corrupção de alguns órgãos, como o próprio INCRA e o lado negativo das lutas pela posse de terra, desta forma tentou-se desenvolver no aluno a oportunidade deles mesmo analisarem, identificarem e criticar ambos os assuntos.

No dia 04 de agosto foi realizado as aulas 05 e 06 do estágio. Nesse dia foi idealizado uma atividade para a fixação dos conteúdos trabalhados até o momento. A proposta foi a realização de cartazes, onde a turma foi dividida em 6 grupos e cada um ficou responsável pela elaboração de um conteúdo, sendo respectivamente: diferenças entre as características do espaço rural e urbano; interdependência entre os meios; modernização do campo e da agricultura em específico; êxodo rural; desigualdades no campo brasileiro e reforma agrária. Os estagiários levaram os materiais necessários, sendo: pinceis atômicos, tesoura, cola, revistas, jornais e cartolina. No início da aula foi proposto aos alunos como deveria ser feito o trabalho, eles se sentiram atraídos pela ideia e seus grupos foram formados segundo a lista de presença, montado equipes de 05 indivíduos.

Após a elaboração dos cartazes por parte dos alunos, cada grupo teve de elaborar uma pequena apresentação para os demais, falando sobre a elaboração do trabalho e também sobre o tema que foi trabalhado. Todos os cartazes tinham figuras e

frases que ajudaram a explicar o conceito ou o processo que tinham como objetivo, de maneira geral pode-se dizer que através desse trabalho, os alunos absorveram bem os conteúdos trabalhados até então. Ao fim de cada apresentação, os demais alunos tinham espaço para complementar com mais ideias e sugestões, além de aprofundar ainda mais a discussão dos temas. Por fim, os cartazes foram colados na parede da sala de aula para que ficassem expostos ajudando também os alunos a relembrarem o conteúdo em outros momentos.

Nas duas aulas seguintes, o tema abordado passou a ser o espaço urbano. A princípio foram discutidos os contextos diferenciados de formação das cidades no nosso país, bem como também foi exemplificado as hierarquias urbanas existentes. Foram usados mapas e o *Google Earth* para que os alunos pudessem elucidar-se sobre os temas que estavam sendo discutidos. Na outra aula foram trabalhados os contrastes existentes no espaço urbano brasileiro e como essas contradições se apresentam na paisagem. Enfatizou-se no debate com os alunos, as consequências de tais desigualdades, principalmente as socioeconômicas.

Após toda essa caracterização do espaço rural e urbano brasileiro, a aula seguinte foi destinada a trabalhar com os alunos as atividades que movem a economia brasileira, discutindo o papel dos setores da economia. Cada setor foi discutido separadamente, sempre exemplificando os reflexos da produção na nossa sociedade e principalmente na vida de cada aluno. A última aula teórica foi utilizada para, através de exposição oral, mostrar os variados tipos de transportes que são utilizados para interligar todo o setor produtivo econômico, que foi trabalhado na aula anterior. Evidenciando aos alunos a relação custo/benefício existente em cada modelo, através de dados contidos no livro didático e outras literaturas pesquisadas.

Na 11ª aula foi feita uma revisão de todo o conteúdo trabalhado, através de uma conversa com os alunos, os quais puderam tirar suas dúvidas e perguntar sobre os mais variados assuntos. A última aula foi usada para a aplicação de uma prova, contendo 16 questões, divididas entre questões dissertativas e objetivas. A tentativa era de fazer uma prova que englobasse todos os assuntos trabalhados de maneira bastante objetiva. Com um valor de 3,0 pontos, quase todas as notas ficaram acima da média (60%), sendo que a média geral da turma ficou em 2,2, mostrando assim, uma assimilação razoavelmente boa pela grande maioria da turma. Tendo ainda como coincidência, as maiores notas ficando para os alunos mais participativos e interativos durante as discussões e debates realizados nas aulas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo esse trabalho realizado na sala de aula, através do Estágio Supervisionado, percebe-se que está é uma importante etapa para embasamento do licenciado, colocando o graduando na real situação do exercício em sala de aula e nas suas especificidades em todo o âmbito escolar, com isso caracterizando um momento

de verificar as competências adquiridas ao longo da graduação. Caracterizando-se como uma etapa imprescindível para a formação de um profissional qualificado.

A prática como componente curricular é indispensável para o processo de formação, constituindo um treinamento no qual possibilita ao acadêmico vivenciar a prática, relacionando o que foi adquirido através da teorização feita na graduação, bem como conhecer o campo educacional, permitindo múltiplas experiências que só vem a acrescentar, aperfeiçoar e maximizar o ensino-aprendizagem. O estágio foi um momento de pensar nosso fazer pedagógico, que pelo fato de o fazermos diariamente, o realizamos de forma mecânica e muitas vezes não atribuindo o real valor daquele momento. Em um sentido mais amplo nossos projetos tinham como proposta principal trazer a geografia para perto dos alunos, saindo de uma conceituação mecânica. Levar o aluno a entender que ele é sujeito atuante no espaço geográfico.

Podemos afirmar que aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo, e a nós particularmente, foi uma experiência extremamente válida, pois compreendemos que o processo ensino e aprendizagem exige envolvimento, discussões, reflexões, saber ouvir, respeitar as vivências e contribuições do aluno e sua família. É necessário perceber o aluno relatando e registrando sua própria história, com entendimento de que ele é sujeito dessa história. Nesse sentido, consideramos que o Estágio Supervisionado, realmente promove uma formação continuada, já que nos coloca a refletir sobre nossa prática sustentada por uma teoria. Sendo assim, o estágio contribui para nossa formação, mesmo porque ser professor, é pensar e repensar sua prática constantemente. Desse modo, estagiar permitiu o aprimoramento do olhar, o desejo de fazer algo novo, de ampliar nossos fazeres, partindo dos novos saberes. O que certamente contribuiu não apenas com a nossa formação, mas, principalmente com uma educação.

REFÊRENCIAS

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Rumo a uma Nova Didática**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1989.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade**. Capinas-SP: Papyrus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. Anais do I Seminário Nacional – Currículo em Movimento – Perspectivas Anuais, Belo Horizonte, 2010.

COLL SALVADOR, César. **Aprendizaje escolar y construcción del conocimiento**. 2ª edição. Barcelona: Paidós, 1992.

FRANCO, S.R.F. **O Construtivismo e a educação**. Porto Velho: GAP, 1991.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

MACEDO, L. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MACIEL LEÃO, D. M. **Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista.** Cadernos de Pesquisa, nº107, 1999.

PATTO, M. H. **A produção do fracasso escolar.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PIAGET, J., INHELDER, B. **A Psicologia da criança.** 3. ed. São Paulo: Difel, 1994.

SAVIANI, D. **Escola e democracia.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.